



DORA, DE *CAPITÃES DA AREIA*: ROMPENDO PRECONCEITOS PELA BUSCA DA EMANCIPAÇÃO FEMININA

Cibele Beirith Figueiredo Freitasⁱ

Josiane Laurindo de Moraesⁱⁱ

Geiziane Laurindo de Moraesⁱⁱⁱ

RESUMO - O objetivo deste trabalho foi compreender, por meio da análise da personagem Dora, de *Capitães da Areia*, aliada à leitura de referencial teórico específico, a história da mulher e sua luta por sua emancipação na sociedade brasileira. O método de estudo utilizado foi uma análise interpretativa da personagem, partindo da análise de trechos da obra à luz das leituras de relevantes teóricos (as) da área, tais como Mary Del Priore (1997), Simone de Beauvoir (2016) e Guacira Lopes Louro (1997). Os resultados apontam que a personagem analisada traz uma reflexão sobre o papel social do sexo feminino. Neste artigo, concluiu-se que a mulher já lutou e vem lutando pela igualdade de direitos e oportunidades, mas ainda há muito que se fazer por uma maior igualdade de gêneros na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE – Mulher, preconceito, emancipação.

ABSTRACT - The objective of this work was to understand, through the analysis of the character Dora, of *Captains of Sand*, allied to the reading of specific theoretical reference, the history of the woman and her struggle for her emancipation in Brazilian society. The study method used was an interpretative analysis of the character, starting from the analysis of excerpts from the work in the light of the readings of relevant theorists of the area, such as Mary Del Priore (1997), Simone de Beauvoir (2016) and Guacira Lopes Louro (1997). The results show that the analyzed character brings a reflection on the social role of the female sex. In this article, it was concluded that women have already fought and are fighting for equality of rights and opportunities, but there is still much to be done for greater gender equality in society.

KEYWORDS – Woman, preconception, emancipation.



Introdução

Muitas conquistas já foram obtidas pela mulher, mas ainda há muito a ser feito em prol da igualdade de gêneros. Ao observar a história das mulheres no Brasil, a partir da obra organizada por Mary Del Priore (1997), percebe-se que, desde a época do colonialismo até os dias atuais, sua existência é marcada por muitos preconceitos e entraves relacionados à sua atuação na sociedade. Apesar dos inúmeros avanços, como o aumento da participação da mulher no espaço de trabalho e em cargos de chefia, que antes eram ocupados na maioria das vezes por homens, há ainda diferenças a serem consideradas.

Ao recuperar a história das mulheres no Brasil, verifica-se que passaram um longo período arraigadas ao lar, como mães e donas de casa. Não havia espaço para o sexo feminino fora do âmbito doméstico e sua educação era voltada para o cuidado da casa, educação dos filhos e submissão ao marido, o **provedor** do sustento da família. Quem fugisse dessa lógica machista e, por exemplo, não se casasse, era vista com maus olhos pela sociedade.

Partindo dessa ideia, nesse trabalho será abordada a representação da personagem feminina Dora, da obra **Capitães da Areia**, de Jorge Amado, uma menina-mulher negra. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é compreender, por meio da análise dessa personagem, aliada à leitura de referencial teórico específico, os preconceitos estabelecidos contra a mulher e a luta por sua emancipação na sociedade brasileira ao longo do tempo.

A escolha por esse tema surgiu do interesse pelo assunto, o qual instigou à curiosidade da autora e a fez refletir sobre o papel e a situação da mulher na época em que a obra foi publicada, 1937, cinco anos depois de a mulher haver conquistado o direito ao voto, em 1932. Além disso, a obra a ser abordada foi produzida por um escritor de grande representatividade na literatura brasileira, Jorge Amado, o qual traz na maioria de suas produções questões de cunho social, como em **Capitães da Areia**. Embora essa obra literária retrate várias temáticas, a que será tratada nesta pesquisa está voltada para a análise de uma personagem feminina.

Por meio da leitura da obra **Capitães da Areia** é possível conhecer a personagem Dora, observar como se dá a sua atuação dentro da trama e relacioná-la com a leitura de referencial teórico sobre a trajetória da mulher na busca de sua afirmação, principalmente como ser social. Nesse sentido, este trabalho pretende tecer uma discussão sobre as mulheres, sua



história, lutas, conquistas e contribuições para as transformações ocorridas no decorrer dos anos na sociedade brasileira.

Isto posto, este trabalho será organizado em torno de três partes. Inicialmente, será apresentado um breve histórico das mulheres no Brasil, em diferentes contextos e temporalidades, englobando as regras de conduta a que estavam submetidas, as conquistas obtidas ao longo do tempo, no campo profissional, e suas lutas e resistências na busca por seu espaço de atuação na sociedade. Em seguida, serão abordados, numa seção específica, os preconceitos historicamente instituídos contra a mulher. E, por último, a partir dos dados coletados acerca da personagem Dora, de **Capitães da Areia**, será feita uma análise relacionando a representação da personagem à discussão realizada no referencial teórico.

Breve história das mulheres no Brasil

Durante muito tempo na história do Brasil, as mulheres foram submetidas a regras de conduta e normas estabelecidas pela sociedade patriarcal. Desde o período colonial, o sexo feminino sofreu restrições e imposições que contribuíam para uma condição de opressão. Em tempos de outrora, “a norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua” (FONSECA, 1997, p. 517). Não se confiava às mulheres o desempenho em outras atividades, pois se acreditava e pregava-se que eram seres inferiores aos homens em habilidades e capacidades, e, conforme as normas estabelecidas pela tradição patriarcal, eram-lhes reservadas atividades relativamente mais simples, como os afazeres domésticos.

Em seguida, no século XIX, conforme D’Incao (1997), as esposas eram incumbidas de preservar a boa imagem da família, tanto que deviam se fazer presentes em eventos públicos, manterem um bom comportamento, e, como mães, era de sua responsabilidade a boa educação e o cuidado com os filhos. Então, não bastaria apenas ser mulher, ainda precisavam carregar o fardo de terem que se portar conforme regras ditadas e serem responsabilizadas pela educação dos filhos. Segundo Louro (1997), o matrimônio e a maternidade faziam parte de uma idealizada essência feminina, e as mulheres que se desprendessem dessa essência estariam infringindo as regras. Ainda, segundo Fonseca (1997), para a mulher ser considerada íntegra, não poderia



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

resistir ao matrimônio. Essa ideologia acabava por constituir as mulheres como seres dependentes, ou seja, sua preocupação deveria ser arrumar um parceiro em nome de alguma honra.

Para os casamentos arranjados, as mulheres eram perseguidas, e a “[...] virgindade feminina era um requisito fundamental” (D’INCAO, 1997, p. 235). Ou seja, a mulher não podia gozar de sua liberdade sexual até o casamento, devendo ela preservar-se para o seu futuro marido. Não bastassem as exigências quanto ao resguardo do corpo feminino, no sertão nordestino, por exemplo, logo que a menina se “tornasse mulher”, após a menarca, os pais já pensavam no compromisso matrimonial, muitas vezes sem o consentimento da moça (FALCI, 1997).

Já que a preocupação com o casamento dizia respeito ao corpo da mulher, este acabava por ser rotulado pela medicina existente entre os séculos XIX e XX, que

[...] assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra (SOIBET, 1997, p. 363).

A anatomia da mulher era vista como menos favorecida e esse elemento contribuiu para a introdução de preconceitos e regras de conduta, limitando-a a se colocar como uma sombra do homem. Dessa forma, enquanto esse podia levar uma vida sexualmente ativa, a sexualidade da mulher era valorizada para fins de perpetuação da espécie humana, não podendo ela exercê-la para outros objetivos, como o seu próprio prazer.

A infidelidade feminina, entre os séculos XIX e XX, também era motivo de perseguição às mulheres. Soibet (1997) destaca que a mulher adúltera era castigada com a morte, pois o padrão de mulher era aquele incutido na figura da mãe que se dedicava aos primogênitos, ao lar e ao marido. A moral da mulher, segundo Soibet (1997), era medida pelo homem, ou seja, a mulher tinha de ser virgem até o casamento, fato esse que a levava a não conhecer e a não ter



domínio sobre o próprio corpo e, em decorrência disso, sentir-se avessa à sua própria sexualidade.

Nesse sentido, “ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina, sem história, sem possibilidade de contestação” (BASSANEZI, 1997, p. 609). Desse modo, pode-se traçar uma ideia do que era a vida das mulheres em épocas mais remotas de sua história na sociedade brasileira. Repreendidas sexual e moralmente, acabavam por acreditar que suas vidas deveriam ater-se aos cuidados domésticos, reprodutivos e matrimoniais. As jovens eram reprimidas até no seu modo de se vestir: deveriam ser recatadas e se portar como boas moças, devendo seguir as regras de conduta estabelecidas (BASSANEZI, 1997).

No mercado de trabalho, no século XX, também havia muitas dificuldades. Devido à existência de uma ideologia patriarcal já há muito instituída, as mulheres se deparavam com uma dura realidade:

da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido - pelos homens – como „naturalmente masculino“. Esses obstáculos não se limitavam ao processo de produção; começavam pela própria hostilidade com que o trabalho feminino fora do lar era tratado no interior da família. Os pais desejavam que as filhas encontrassem um bom partido para casar e assegurar o futuro, e isso batia de frente com as aspirações de trabalhar fora e obter êxito em suas profissões (RAGO, 1997, p.581-582).

A partir do exposto, verifica-se que, por se inserirem num meio profissional muitas vezes dominado por indivíduos do sexo masculino, as mulheres tinham de lutar pela transgressão de vários preconceitos, também sendo submetidas a situações desagradáveis, como assédio sexual e moral. Além disso, não contavam com o apoio da família, pois a maioria os pais não acreditavam e não queriam permitir uma atuação que se estendesse fora dos domínios domiciliares.

Apesar das dificuldades encontradas no âmbito profissional, a mulher foi alcançando, por meio de suas lutas, mais espaço para atuação e independência. Segundo aponta Bassanezi (1997), a partir de 1950 as mulheres foram conquistando cargos remunerados na medicina,



magistério, entre outras profissões que requeriam algum tipo de competência. Em contrapartida a essa nova configuração na vida das mulheres, elas ainda enfrentavam muitos preconceitos, e, conforme o autor supracitado, com o alcance de sua independência, alegava-se que a mulher perderia o que era considerado sua essência: a feminilidade e a aspiração para a vida doméstica.

Também é a partir do ano de 1950 que começam a aparecer mobilizações femininas no âmbito profissional, tanto que, conforme aponta Giuliani (1997), criam-se sindicatos e movimentos como o de Luta por Creches, criado em 1970. De acordo com a autora,

nas atividades desses grupos são constantemente avaliados e revisados os papéis sociais das mulheres – mãe, esposa, dona de casa -, mesmo que a reflexão sobre o trabalho e a discriminação no mercado de emprego não esteja sempre presente. Deve ser reconhecida sua importante contribuição no processo de redemocratização, através de suas reivindicações para que sejam mudados os códigos jurídicos já definitivamente superados e sejam promulgadas leis mais coerentes com a efetiva atuação econômica e social da mulher; através da crítica à política salarial promovida pelo Estado; através da demanda de serviços públicos de apoio à mãe trabalhadora (GIULIANI, 1997, p. 649-650).

Pode-se verificar, a partir do fragmento acima citado, que as mulheres da classe média estavam esgotadas por terem seus papéis restringidos ao lar. Elas queriam atuar amplamente na sociedade, para o alcance de mais equidade de direitos, justiça social e autonomia. Partindo dessa ideia, conforme afirma Giuliani (1997), foram criados movimentos com o intuito de libertar as mulheres de amarras que delimitavam sua atuação na sociedade. O teórico ainda ressalta que, com esses movimentos, o machismo começa a ser superado nos âmbitos doméstico, profissional e sindical dessas mulheres, fato que aponta para a transgressão de alguns preconceitos instituídos desde o Brasil colonial.

Em conformidade com Rago (1997), com muito esforço as mulheres vêm alcançando, nos últimos trinta anos, os direitos referentes à sua afirmação como ser e solidificando um ambiente público que lhes seja favorável também. Aquelas que, segundo Falci (1997), um dia não podiam estar inseridas em atividades inerentemente políticas e que, conforme aponta Teles (1993), só conquistaram o direito ao voto após a década de 1930, vêm alçando voo em direção



a uma existência mais livre e independente na constante busca de sua concretização como ser humano dotado de capacidades e habilidades.

Partindo da discussão anterior, na próxima seção será feita uma breve exposição da obra de Jorge Amado e, em seguida, numa seção específica, será apresentada uma análise da representação da mulher em **Capitães da Areia**, por meio da personagem Dora, que na trama se põe como agente de transgressão dos preconceitos - retratados até aqui - com relação à mulher. A partir da análise da personagem, far-se-á uma reflexão à luz dos conceitos de Simone de Beauvoir, Mary Del Priore, entre outros (as) teóricos (as).

***Capitães da Areia*, de Jorge Amado**

A obra **Capitães da Areia**, de Jorge Amado, foi publicada pela primeira vez em 1937. A história se desenrola num trapiche abandonado na cidade de Salvador, na Bahia. Nesse trapiche habita um bando conhecido pelo nome de Capitães da Areia, que é formado por meninos de rua abandonados. Comandado por um líder, Pedro Bala, esses meninos sobrevivem de furtos e sua única família é o próprio grupo.

O bando é constituído por meninos cujos nomes não são revelados na trama, isto é, as personagens são referenciadas por apelidos: “Pedro Bala, o ágil e valente chefe; Sem Pernas, que tinha o defeito em uma das pernas e se aproveitava da situação; Professor, o mentor; João Grande, a força; Volta Seca, a vingança; Boa Vida, o descanso, o compositor; Gato, a esperteza malandra” (GEBARA. NOGUEIRA, 2014, p. 61-62).

Com relação ao ano de publicação da obra, esse período é considerado

[...] um marco na história política do Brasil. Trata-se do período denominado *Estado Novo* – o regime autoritário implantado com o golpe de novembro de 1937. Nele, Getúlio Vargas consolidou propostas em pautas desde outubro de 1930, quando, pelas armas assumiu a presidência da República (MONTEFUSO, 2015, p. 21).

Concomitantemente à divulgação da obra, principiava no país a era Vargas, que anos mais tarde culminou na ditadura militar. Vale ressaltar que Jorge Amado foi fortemente ligado à política e, por meio de suas obras, procurava labutar em prol da visibilidade aos mais atingidos pela desigualdade social, aos abandonados pela sociedade.



Apesar de ter sido publicada em tempos de outrora, **Capitães da Areia** pode ser considerada, na contemporaneidade, o reflexo de uma realidade ainda existente no Brasil. No posfácio da obra, Milton Hatoum acrescenta que

é surpreendente a atualidade dos temas de *Capitães da Areia*. [...] Lido hoje, este romance ainda comove e faz pensar nas crianças desvalidas, nas crianças de rua, nas crianças abandonadas, quase todas órfãs de pai e mãe, filhos da miséria e do abandono. Atiradas à marginalidade, elas roubam e cometem outros delitos para sobreviver. Detidas, são submetidas à humilhação, ao castigo, à tortura (AMADO, 2016, p. 265).

Em se tratando da personagem a ser analisada, “Dora é o referencial feminino de mãe, irmã, namorada e mulher, o ouro raro e passageiro, mas de brilho eterno” (GEBARA. NOGUEIRA, 2014, p. 62). Porém, na análise que será feita na próxima seção, a autora procurará examinar tal personagem sob a ótica da história das mulheres. Serão abordados e discutidos trechos da história em que Dora se constitui como figura feminina emancipada.

Dora e a representação da mulher em *Capitães da Areia*

Nas seções anteriores, foi retratada a opressão sofrida pelas mulheres ao longo da história do Brasil e as lutas travadas por elas, além dos preconceitos que por muito tempo impediram a sua emancipação e a sua visibilidade nos mais variados âmbitos da sociedade. No que diz respeito à personagem Dora, na trama ela é representada como uma menina- mulher, com idade entre 13 e 14 anos, órfã, negra e que procurava um meio para sua sobrevivência e de seu irmãozinho, Zé Fuinha, após a perda do pai e da mãe em decorrência da varíola.

Apesar de a personagem ter sido representada como figura feminina emancipada, há de se ressaltar na trama indícios de um machismo embutido nas atitudes dos Capitães. Dora se mostra, desde o princípio, tão corajosa que, ao entrar no trapiche, passa por uma espécie de **provação**, mas insiste em permanecer ali:

entraram no trapiche meio desconfiados. João Grande arriou Zé Fuinha no chão, ficou parado, esperando que o Professor e Dora entrassem. Foram todos para o canto do Professor, que acendeu a vela [...]



Professor se adiantou:

– Tava com fome. Ela e o irmão. A bexiga matou o pai e a mãe... Boa-Vida riu um riso

largo. Empinou o corpo:

– É um peixão...

Sem-Pernas riu seu riso burlão, apontou os outros:

– Tá tudo como urubu em cima da carniça...

Dora se chegou para junto de Zé Fuinha, que acordara e tremia de medo.

Uma voz disse entre os meninos:

– Professor, tu tá pensando que a comida é só pra tu e pra João Grande?

Deixa pra nós também... (AMADO, 2009, p. 170)

Na cena narrada, Dora fica amedrontada com o que poderia acontecer com ela, pois naquela ocasião era “[...] objeto absoluto de desejo” (BEAUVOIR, 2016, p. 91), mas, como posteriormente é defendida por Pedro Bala, o líder do grupo, decide ficar no trapiche com os meninos e se torna mais autoconfiante. Nessa circunstância, a personagem precisou de uma intervenção do líder do grupo para apaziguar o conflito, o que remete ao que discorre Beauvoir (2016) sobre a situação da mulher: se vê, na maioria das situações, em situação de inferioridade em relação ao homem.

Em outro trecho, um dos integrantes dos Capitães da Areia, sob o apelido de Pirulito, demonstra o seu preconceito para com Dora, pelo fato de ela ser mulher:

olhava Dora com receio: a mulher era o pecado. Em verdade ela era apenas uma criança, uma criança abandonada como eles. Não ria como as negrinhas do areal um riso insolente de convite, um riso de dentes apertados pelo desejo. Seu rosto era sério, parecia o rosto de uma mulherzinha muito digna. Mas os pequenos seios que nasciam se empinavam no vestido, o pedaço de coxa que aparecia era branco e redondo (AMADO, 2009, p. 180).

Pirulito, com esse pensamento a respeito de Dora, estava certamente representando o que os outros Capitães pensavam sobre a mulher. Esse pensamento mostra-se, também, como um vestígio do Brasil colônia, período no qual o corpo da mulher era considerado uma obra de Satã, estava permeado pelo mal (DEL PRIORE, 1997). Como não se conhecia o funcionamento do corpo da mulher, e a medicina não era muito avançada, pensava-se que o mesmo era a personificação do pecado. Com relação à questão carnal, há de se ressaltar que, segundo Figueiredo (1997), também no Brasil colonial, o ato sexual, se praticado com ardor, era símbolo da luxúria e rompia com a domesticação.



Porém, nessa parte da história, percebe-se que Dora é possuidora de uma personalidade única, quando é descrito que possui ares de mulher digna. É a partir desse viés que a personagem ganha destaque para a análise. Logo, é em contraposição aos episódios citados anteriormente que a personagem, em outros momentos da obra **Capitães da Areia**, apresenta autonomia e liberdade para tomar suas próprias decisões.

Outro ponto que pode ser observado diz respeito à forma como Dora se veste numa das situações da trama, na qual adapta o seu vestido, e veste-se como os meninos do grupo, conforme ilustra o seguinte trecho:

como o vestido dificultava seus movimentos e como ela queria ser totalmente um dos Capitães da Areia, o trocou por umas calças que deram a Barandão numa casa da Cidade Alta. As calças tinham ficado enormes para o negrinho, ele então as ofereceu a Dora. Também estavam grandes para ela, teve que as cortar nas pernas para que dessem. Amarrou com cordão, seguindo o exemplo de todos, o vestido servia como blusa. Se não fosse a cabeleira loira e os seios nascentes, todos a poderiam tomar como um menino, um dos Capitães da Areia (AMADO, 2016, p. 183)

Nessa conjuntura, Dora já se apresenta como uma figura emancipada, pois, além de se vestir como o grupo para a ele se integrar, ela também não tem nenhuma preocupação em ser recatada. A personagem se põe como protagonista da história, seguindo suas próprias vontades e se propondo a sair da zona de conforto para poder ajudar na sobrevivência do grupo. Também é nessa ocasião que ela rompe com os modelos instituídos historicamente com relação à mulher, pois, conforme aponta Rago, no século XX no Brasil, as mulheres “apareciam desprotegidas e emocionalmente vulneráveis aos olhos da sociedade, e por isso podiam ser presas da ambição masculina” (1997, p. 578-579). Todavia, Dora se porta de maneira totalmente segura, vestindo-se a seu próprio gosto e menosprezando o julgamento com que poderia se deparar por causa do seu modo de se vestir. Ela ignora as opiniões expressas por seus companheiros no trapiche, e age de forma determinada, desfazendo a ideia de que a mulher é sexo indefeso.

Na situação que se desenrola, a personagem é hostilizada por Pedro Bala devido à sua vestimenta:



No dia em que, vestida como um garoto, ela apareceu na frente de Pedro Bala, o menino começou a rir. Chegou a se enrolar no chão de tanto rir. Por fim conseguiu dizer:

– Tu tá gozada...

Ela ficou triste, Pedro Bala parou de rir.

– Não tá direito que vocês me dê de comer todo dia. Agora eu tomo parte no que vocês fizer.

O assombro dele não teve limites:

– Tu quer dizer...

Ela o olhava calma, esperando que ele concluísse a frase.

–...que vai andar com a gente pela rua, batendo coisas...

– Isso mesmo – sua voz estava cheia de resolução.

– Tu endoidou...

– Não sei por quê.

– Tu não tá vendo que tu não pode? Que isso não é coisa pra menina. Isso é coisa pra homem.

– Como se vocês fosse tudo uns homão. É tudo uns menino. (AMADO, 2016, p. 183)

A partir dessa discussão, pode-se verificar que Dora quer se integrar ao grupo dos Capitães da Areia. Na cena apresentada ela se mostra como a detentora de força e coragem frente aos meninos, contrapondo-se à imagem romântica da mulher como ser frágil e submisso. Acerca dessa ideia romantizada da mulher, Del Priore discorre que em tempos de outrora no Brasil colonial, “para a maior parte dos médicos, a mulher não se diferenciava do homem apenas por um conjunto de órgãos específicos, mas também por sua natureza e por suas características morais” (1997, p. 79).

No que tange à questão da feminilidade imbricada à roupa, Beauvoir acrescenta que

o homem quase não precisa se preocupar com suas roupas: são cômodas, adaptadas à sua vida ativa, não é necessário que sejam requintadas, mal fazem parte de sua personalidade; além disso, ninguém espera que delas trate pessoalmente; qualquer mulher benevolente ou remunerada se encarrega desse cuidado. A mulher, ao contrário, sabe que quando a olham não a distinguem de sua aparência: ela é julgada, respeitada, desejada através de sua toalete. Suas vestimentas foram primitivamente destinadas a confiná-la na impotência e permaneceram frágeis [...] (BEAUVOIR, 2016, p. 507).

Inserida numa cultura em que, educada de modo a manter a feminilidade, a delicadeza e, em consequência, uma passividade, a mulher muitas vezes era impossibilitada de tomar suas próprias decisões. Assim, no século XIX, “a construção da imagem feminina a partir



da natureza e das suas leis implicaria em qualificar a mulher como naturalmente frágil, bonita, sedutora, submissa, doce etc” (ENGEL, 1997, p. 332). Nesse sentido, verifica-se que Dora rompe com regras de conduta institucionalizadas para a mulher; como ser autônomo, ela se autoguidava na realização de seus desejos, pensa por si própria e não se deixa sucumbir diante da reprovação de Pedro Bala. Em outro trecho da narrativa, há um momento em que é feita a representação da desenvoltura de Dora como integrante do grupo dos Capitães da Areia:

andava com eles pelas ruas, igual a um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimiga. Agora a amava também, aprendia a andar nos becos, nas ladeiras, a pongar nos bondes, nos automóveis em disparada. Era ágil como o mais ágil. Andava sempre com Pedro Bala, João Grande e Professor. João Grande não a largava, era como uma sombra de Dora, e se babava de satisfação quando ela o chamava com sua voz amiga de “meu irmão”. O negro a seguia como um cachorro e se dedicara totalmente a ela. Vivia num assombro das qualidades de Dora. Quase a achava tão valente como Pedro Bala. Dizia ao Professor num espanto:
– É valente como um homem... (AMADO, 2009, p. 184).

Nesse ponto da história, pode-se verificar a admiração que os outros componentes do grupo, os meninos, tinham por Dora; eles consideravam-na valente. Entretanto, essa admiração foi desencadeada pela própria Dora, pois, como acima citado, ela incorporou as atitudes e hábitos do grupo, ignorando o fato de que poderia sofrer por pertencer ao sexo feminino. Nesse sentido, Beauvoir (2016) afirma que quando a mulher empreende uma atividade normalmente executada por um homem, acaba por se preocupar em alcançar uma igualdade, sem que esse homem se sinta superior a ela tão-somente por questões de gênero.

Em outro momento da trama, os Capitães da Areia estão prestes a entrar em confronto com outro grupo de meninos abandonados para vingar a covardia feita a Pedro Bala, que havia sido atacado pelo grupo rival numa ocasião em que estivera sozinho. Nessa situação, Dora demonstra, mais uma vez, sua valentia. Os Capitães

formaram um plano de batalha. [...] Dora foi junto a Pedro Bala e levava uma navalha também. Sem- Pernas disse:
– Até parece Rosa Palmeirão.



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

Nunca houvera mulher tão valente como Rosa Palmeirão. Dera em seis soldados de uma vez. Todo marítimo sabe o seu abc no cais da Bahia. Por isso Dora gosta da comparação e sorri:

– Obrigado, mano. (AMADO, 2009, p. 188).

A personagem não temia o grupo inimigo e parte junto com os Capitães da Areia para a batalha. Ela fica contente quando um dos companheiros a compara com Rosa Palmeirão¹, uma das mulheres que, em tempos de outrora na Bahia, tivera destaque por sua desenvoltura. Essa comparação de Dora com Rosa Palmeirão ilustra a admiração do grupo por ela, pois Dora fazia parte do bando e em todas as aventuras vivenciadas ela estava em pé de igualdade com os demais integrantes. Sua bravura também pode ser verificada no seguinte trecho:

amavam o heroísmo. Volta Seca espiou Dora. Os olhos dela brilhavam, ela amava o heroísmo também. Isso agradou ao sertanejo. Depois o marinheiro James sustentou uma luta feroz. Volta Seca assoviou como um passarinho de tanto contentamento. Dora riu também, satisfeita (AMADO, 2009, p. 177).

Nesse momento da história, Dora aparece bastante entrosada com o grupo no qual está inserida. Também fica explícito que ela gosta daquela vida aventureira dos Capitães da Areia. Pode-se perceber, assim, que a jovem não é figura passiva na história, pois geralmente é vista com o bando, com atitudes que não correspondem ao papel de mulher como ser passivo, frágil e delicado, resguardado ao espaço doméstico e submisso ao mando do sexo masculino.

Inversamente a isso, Del Priore (1997) afirma que, num dos períodos da história do Brasil, acreditava-se que a condição biológica da mulher, a reprodução, estava ligada a uma outra condição: de mãe, vulnerável e subordinada. Contudo, Dora contrapõe-se ao exposto por Priore, pois prefere uma vida de aventuras com os Capitães da Areia a viver na expectativa de que alguém tome uma atitude por ela. Isto é, a personagem não se deixa sucumbir a ordens; põe-se em atividade, tornando-se assim responsável por sua existência, na medida em que conquista sua dignidade. Esse fato pode ser elucidado através de outro trecho da história, no

¹ Maria Felipa de Oliveira, mais conhecida como Rosa Palmeirão, baiana da cidade de Itaparica e mulher revolucionária, entre outras ocupações, foi uma marinheira que “[...] talvez tenha conseguido o que grandes e velhos marinheiros não conseguiram: difundir seu nome em diferentes mares e ancoragens no mundo dos marujos” (CASTRO, 2015, p. 46).



qual a jovem, após uma tentativa de furto, é levada ao orfanato da cidade, o qual era considerado, pelos proprietários do estabelecimento, como um local de regeneração: “um mês de orfanato bastou para matar a alegria e a saúde de Dora. Nasceria no morro, infância em correrias no morro. Depois a liberdade das ruas da cidade, a vida aventureira dos Capitães da Areia. Não era uma flor de estufa. Amava o sol, a rua, a liberdade. (AMADO, 2009, p. 211)

A partir do trecho acima, verifica-se que desde a infância Dora foi criada nas ruas do morro. Ao ser inserida no grupo, imponente, teve a oportunidade de viver verdadeiramente como um dos Capitães da Areia, sem que houvesse a distinção de seu gênero, mostrando suas capacidades e habilidades nas situações vivenciadas pelo grupo. Porém, na fuga do orfanato, Dora é acometida por uma febre e vem a falecer. E, com essa ocorrência, percebe-se a importância da menina para os outros Capitães:

era apenas uma menina, vivera igual a um dos Capitães da Areia, e todos sabem que um capitão da areia é igual a um homem valente. Dora vivera com eles, fora mãe para todos eles. Mas fora irmã também, correria com eles pelas ruas, invadira casas, batera carteiras, brigara com o grupo de Ezequiel. Depois, para Pedro Bala, fora noiva e esposa, esposa quando a febre a devorava, quando a morte já a rondava naquela noite de tanta paz. Paz que ia dos olhos dela para a noite em torno. Estivera no orfanato, fugira dele, igual a Pedro Bala fugindo do reformatório (AMADO, 2009, p. 250).

A partir da citação acima, é possível depreender que Dora teve importante notoriedade até então. Foi considerada, mesmo depois de sua morte, como figura de substancial valor para o grupo. Desse modo, a representação de Dora como figura emancipada, a qual transgrediu o ideal da mulher, converge para o pensamento de Beauvoir a respeito da mulher que busca empreender sua libertação, como ilustra o seguinte fragmento:

quando finalmente for assim possível a todo ser humano colocar seu orgulho além da diferenciação sexual, na glória difícil de sua livre existência, poderá a mulher – e somente então – confundir seus problemas, suas dúvidas, suas esperanças com os da humanidade; somente então ela poderá procurar desvendar toda a realidade, e não apenas sua pessoa, em sua vida e suas obras. Enquanto ainda tiver que lutar para se tornar um ser humano, não lhe é possível ser uma criadora (BEAUVOIR, 2016, p. 539).



Portanto, a partir do exposto neste trabalho, é possível afirmar que a representação da personagem Dora, de **Capitães da Areia**, culmina numa reflexão a respeito dos preconceitos instituídos contra a mulher ao longo da história e os caminhos a serem trilhados para a sua libertação dos rótulos determinados pela sociedade, libertação das amarras que impedem a realização de suas vontades e, sobretudo, a libertação da opressão sofrida em decorrência da imposta “supremacia” masculina.

Considerações finais

Este trabalho se propôs a compreender, por meio da análise da personagem Dora (da obra **Capitães da Areia**, de Jorge Amado), aliada à leitura de referencial teórico específico, a história da mulher no Brasil, os preconceitos estabelecidos contra o sexo feminino e a luta por sua emancipação na sociedade brasileira. Desse modo, por meio de um levantamento bibliográfico do contexto histórico, desde o período colonial até o fim do século XX, foi possível compreender a situação da mulher nesses períodos, as regras de conduta determinadas e as lutas travadas para o alcance de igualdade de direitos e oportunidades.

Em contraposição aos entraves historicamente estabelecidos contra a atuação e a visibilidade da mulher no espaço social, a personagem Dora (menina-mulher negra) constituiu-se como uma importante figura feminina a ser considerada, pois, como visto na última seção, mostrou-se uma mulher (ainda que em formação) que não se deixou dominar pelos demais Capitães da Areia, nem pelo próprio líder do grupo, Pedro Bala. Além disso, em todos os momentos da trama, a personagem manifestou coragem e autonomia junto aos outros integrantes do grupo; não demonstrou passividade e comportamento – como em tempos de outrora estipulado – de mulher recatada.

Com este trabalho, também é possível compreender a origem dos preconceitos com relação à sua presença e atuação nos mais diversificados ambientes sociais. Esse fato foi elucidado através da breve história das mulheres no Brasil, retratada na primeira seção, na qual se pode depreender a situação da mulher em épocas passadas e como a opressão sofrida e as regras de conduta ditadas por muito tempo ainda reverberam. É para estimular a discussão dessas questões que Dora pode ser encarada como um símbolo de resistência feminina.



Assim sendo, é fato que “[...] as possibilidades da mulher foram sufocadas e perdidas para a humanidade e que já é tempo, em seu interesse e no de todos, de deixá-la enfim correr todos os riscos, tentar a sorte” (BEAUVOIR, 2016, p. 540). Isto é, é necessário que à mulher sejam dados mais oportunidades e direitos, para que possa mostrar suas habilidades e capacidades e que não continue na condição de submissão em relação ao homem. Certamente há ainda, uma longa estrada a percorrer em direção à afirmação efetiva da mulher como ser, e é sob essa perspectiva que a representação de personagens da literatura, como Dora, servem como exemplos para a mulher se autoafirmar como ser livre dos rótulos que lhe foram impostos ao longo dos séculos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”, in DEL PRIORE, M.L.M.(org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**, volume 2. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- CASTRO, Janio Roque Barros de. “Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance ‘Mar morto’, de Jorge Amado”. **Geograficidade**, Universidade do Estado da Bahia, Bahia, v.5, n.2, inverno 2015. Disponível em:<
[file:///C:/Users/JosiGeizi/Documents/Dialnet-PaisagensEVisoesMiticasQuestoesDeGeneroEACidadeNoR-5181083%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/JosiGeizi/Documents/Dialnet-PaisagensEVisoesMiticasQuestoesDeGeneroEACidadeNoR-5181083%20(2).pdf) >. Acesso: 04 nov 2017.
- D’INCAO, Maria Ângela. “Mulher e família burguesa”, in DEL PRIORE, M.L.M.(org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”, in DEL PRIORE, M.L.M.(org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”, in DEL PRIORE, M.L.M.(org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.



FIGUEIREDO, Luciano. “Mulheres nas Minas Gerais”, in DEL PRIORE, M.L.M.(org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FONSECA, Cláudia. “Ser mulher, mãe e pobre”, in DEL PRIORE, M.L.M.(org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

GEBARA, A. E. L., NOGUEIRA, S. H. A prosa de Jorge Amado: expressão de linguagens e costumes. **Cadernos de Literatura Brasileira**, (3), p. 56-59. Disponível em:< <http://www.jorgeamado.com.br/professores/05.pdf>>. Acesso: 13 out 2017.

GIULIANI, Paola Cappellin. “Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira”, in DEL PRIORE, M.L.M.(org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula”, in DEL PRIORE, M.L.M.(org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, M.L.M.(org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In: DEL PRIORE, M.L.M.(org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SOIBET, Rachel. “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”, in DEL PRIORE, M.L.M.(org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.



ⁱCibele Beirith Figueiredo Freitas é Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015) e docente nos cursos de licenciatura na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

ⁱⁱJosiane Laurindo de Moraes é graduada em Letras pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.



REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO/2018

ISSN 2177-2789

ⁱⁱⁱ Geiziane Laurindo de Moraes graduanda do curso de Educação Física – Bacharelado da
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC